A revisão do gênero literário: considerações sobre os caminhos entremeados de um texto

The revision of the genre in literature: considerations about the interwoven ways of a text

Gisely Pereira de Almeida¹

RESUMO

Trataremos neste artigo sobre os conflitos gerados entre autor e revisor causados, muitas vezes, por interferências desnecessárias por parte deste. Falaremos sobre a importância de o trabalho de revisão de textos ser uma atividade dialógica, interativa e acima de tudo colaborativa, das capacidades que um revisor de textos literários deve ter para que seu trabalho seja feito com êxito e sem complicações, assim como, da sensibilidade que o próprio autor deve ter em saber ouvir e aceitar as alterações que farão com que o texto flua melhor. Também trataremos do cuidado que o revisor deve ter em verificar a verossimilhança do texto, o encadeamento da narrativa, repetições de frases, redundância não intencional, contextos comunicacionais, etc.

Palavras-chave: Revisão. Textos Literários. Conflitos. Autor.

ABSTRACT

In this article we will treat about the conflicts generated between Author and Proofreader, in many cases, caused by unnecessary reviewer's interferences. We will analyse the importance of the texts review being a dialogistic, interactive and collaborative activity. We will discuss about the capacities that a literacy texts reviewer must have to do an effective work without any complications, as well as the sensibility the Author himself has to have to listen and accept the alterations that make the text more fluid. We will also discuss the work the reviewer must have to verify the text verisimilitude, the narrative linking, sentence repetition, unintentional redundancies, communicational contexts, etc.

Keywords: Text review. Literacy texts. Conflicts. Author.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não há dúvidas de que revisar um texto é um trabalho difícil, que exige atenção, compreensão do contexto de produção, conhecimento gramatical e linguístico, conhecimento normativo e domínio da língua. O revisor deve ter, também, outras

¹ Graduanda do Curso de Letras da PUC Minas. Este artigo resultou de prática investigativa realizada no bojo da disciplina Práticas de Revisão de Textos, no 7º período, formação do Bacharel em Letras, sob orientação da Prof.^a Dra.^a Ev^a Angela B. R. de Barros.

habilidades, como a capacidade de entender o objetivo do autor, de com ele dialogar, de saber oferecer sugestões pertinentes, ter a sensibilidade de perceber o que cabe ou não no texto, etc. Revisar não se resume a corrigir erros gramaticais; o trabalho do revisor vai muito além disso, tão além que pode, até mesmo, causar algum tipo de conflito entre revisor e autor – embora cada papel tenha suas especificidades e não se confundam entre si.

Ao revisar um texto literário, é preciso levar em consideração que o autor tem seu próprio estilo, seu jeito de se expressar, suas particularidades e mais: tem, entre outros fatores, o direito à licença poética; por isso, o revisor deve se valer de várias estratégias específicas para adequar o texto ao seu gênero, público, estilo, suporte e objetivo. Pode haver casos em que o autor não aceita que o revisor vá além das normas gramaticais, no momento da correção, por isso é necessário que os dois estejam dispostos a dialogar. Por exemplo, o revisor pode enxergar como erro aquilo que, para o autor, é estratégia textual. Por todos esses fatores, é necessário discutir este tema, pois apesar dos conflitos que possam existir entre autor e revisor, o papel do revisor é primordial para a publicação de um texto. Uma obra que não passa pelo revisor pode apresentar diversos erros, de diferentes categorias (como veremos mais à frente), e assim pode correr o risco de não ser publicada (ou ser e receber muitas críticas, chegando ao ponto de ser recolhida dos pontos de vendas). Por isso, é importante que o autor veja no revisor um aliado e não uma pessoa que fragilize sua autoria.

O trabalho de revisar é tão importante quanto o de criar; sem a revisão, não podemos considerar a obra completa, seja ela um roteiro de filme ou novela, uma dissertação ou um texto literário. Por isso, é necessário que toda vez que houver a oportunidade, discutamos sobre o papel do revisor, para que ele não seja mal visto pelos autores, e para que os revisores tenham clareza de suas funções, dos limites, dos tipos de revisão que o texto pede, e claro, saibam reconhecer o estilo do autor para que assim não façam interferências desnecessárias.

O objetivo deste artigo é mostrar, com base na literatura sobre o tema, implicações de um trabalho não revisado, ou ser mal revisado. Para tanto, este trabalho se organiza da seguinte forma: na próxima seção discutiremos os desafios que um profissional encontra ao revisar um texto. Nela abordaremos, também, a revisão de uma forma mais abrangente, procurando expor os principais problemas e as melhores soluções, assim como as competências que o revisor deve ter. Em seguida, na terceira

seção, faremos um recorte abordando somente o texto literário em suas especificidades no que concerne ao trabalho de revisão. Na quarta seção, discutiremos a dinâmica entre autor e revisor e a importância de manter uma boa relação para que o produto final se apresente bem revisado e com seu estilo original. Também debateremos sobre a estética do texto e o estilo do autor, demonstrando a importância de manter a essência do texto e sua estética original, pois elas fazem parte tanto de quem conta a história, como também, da história contada, e é importante não deslegitimar o autor. Na quinta seção, abordamos a questão da licença poética e da autoria, apresentando a liberdade relativa que um autor de textos literários tem. Por fim, concluiremos com nossas considerações a respeito deste tema tão importante e tão pouco discutido.

2 DESAFIOS QUE O PROFISSIONAL ENCONTRA AO REVISAR UM TEXTO

São muitos os desafios encontrados no ofício de revisar textos; além de trabalhar com prazos curtos e ter que enfrentar a desvalorização de sua profissão, o revisor ainda deve saber respeitar o limite de sua interferência. Esse limite é o que muitas vezes causa certa tensão entre revisor e autor e acaba sendo, para o profissional, um dos maiores desafios. Para tentar diminuir esse conflito, é necessário que o revisor tenha em mente alguns conceitos estabelecidos, visando facilitar o seu trabalho e não gerar nenhum desentendimento.

O revisor deve compreender não só as prescrições da gramática normativa, mas também ter conhecimento das variedades linguísticas, das marcas dialetais e das formas de expressão; ou seja, o revisor tem que conhecer a língua tanto em suas configurações gerais, quanto nos usos particulares que os autores fazem dela. É necessário que o revisor conheça o mundo que o cerca, para que assim entenda as referências que o autor quer trazer em seu texto.

O profissional que revisa textos, muitas vezes, é chamado de “corretor”, o que é um equívoco, porque o revisor não apenas corrige, sua atuação, na verdade, é bem mais ampla e flexível do que as pessoas costumam presumir. O profissional dessa área deve ter um bom conhecimento dos gêneros textuais, pois o tipo de revisão a ser feita é variável conforme o gênero. Revisar um texto publicitário, por exemplo, é diferente de revisar um artigo acadêmico. Portanto, deve-se estar atento às particularidades de cada

gênero textual, ao objetivo, ao seu público, ao suporte, ao ambiente em que aquele texto circulará, entre outros aspectos.

É importante que, para saber do que exatamente o autor está falando e assim conseguir fazer as devidas alterações e dar clareza ao texto, o revisor pesquise sobre o assunto, mantenha-se informado. Revisar não é só corrigir os erros ortográficos, é considerar o texto como um todo, por isso é necessário que o profissional tenha clareza absoluta do conteúdo tratado.

Machado (2017), em seu livro **Manual de sobrevivência do revisor iniciante**, afirma que revisar não é só corrigir o que está errado, é necessário lançar olhares diferentes sobre o trabalho. Para embasar seu argumento a autora recorre a Araújo (2011):

[...] dele [do revisor] se exige algo mais que simples alfabetização (muitos jornais e editoras parecem contentar-se com isso); na realidade, requer-se um bom conhecimento normativo da língua, extrema capacidade de concentração, perícia suficiente [...], perfeito domínio da maior quantidade possível dos signos [sinais de revisão] [...], além de razoável cultura geral para não cometer, ele mesmo, determinados erros [...]. Dadas as subcondições de trabalho destinadas no Brasil ao revisor, sejamos justos: ele convive com seu eterno fantasma, o erro, e faz o que pode e quase sempre fá-lo bem. (ARAÚJO, 2011, p. 364 apud MACHADO, 2017, p. 29).

Machado (2017, p. 08) também destaca algumas competências que um revisor deve ter. Entre essas competências abordadas, estão bons conhecimentos linguísticos, o domínio da gramática normativa, a boa bagagem de conhecimentos gerais, as excelentes noções de gêneros textuais e contextos de uso da linguagem, a curiosidade e o senso investigativo.

O revisor deve ter em mente que, às vezes, um desvio da norma padrão pode ser, na verdade, uma estratégia autoral. O revisor tem, ainda, que estar atento às questões estilísticas, à clareza, ao vocabulário, às técnicas usadas na construção textual, que podem ir desde um parágrafo curto ou uma oração desgarrada, até os desvios propositais da gramática normativa, substantivos adjetivados e vice-versa, entre outros casos.

Concordamos com Machado (2017), quando a autora aponta que:

O revisor, além de gostar de ler - ler muito, ler sempre! - precisa ter um carinho especial pela linguagem como um todo. Não só gramática normativa, não só linguagem informal. O revisor — assim como o professor de português — precisa ter a habilidade de ser um “camaleão linguístico”[...] (MACHADO, 2017, p. 07).

Por isso, o revisor deve ter sensibilidade para não fazer uma alteração desnecessária, compreendendo os diversos usos da língua e as situações comunicacionais. A esse respeito, Machado (2017) afirma o seguinte: “Para ser um camaleão linguístico, o revisor deve estar sempre atento ao uso que as “pessoas comuns” fazem da linguagem, desde o advogado em seu “juridiquês” até o mais simples dos humanos com sua respectiva variante regional”. (MACHADO, 2017, p. 07).

O revisor deve, ainda, ler o texto lançando sobre ele vários tipos de olhares e percepções, para que assim possa localizar erros dos mais diversos tipos, isto é, sempre considerando o contexto comunicacional e a gramática normativa, o revisor deve detectar problemas sintáticos, ortográficos e semânticos, dentre outros. Nesse sentido, Machado (2017) afirma que se caracteriza como um dos objetivos do revisor “encontrar e corrigir erros nos mais diversos níveis de leitura para que o leitor comum não tenha sua atenção desviada por decorrência de problemas de grafia, falta de lógica, palavras faltando, repetição de ideias, inadequações de tradução, entre outros.” (MACHADO, 2017, p. 09).

Ao revisar um texto literário, o profissional tem ainda mais trabalho, pois se destaca a dimensão estética que cerca o texto, o que exige os devidos cuidados para não alterar o sentido do texto ao fazer alguma intervenção:

Todo escritor convive com um terror permanente: o do erro de revisão. **O revisor é a pessoa mais importante na vida de quem escreve. Ele tem o poder de vida ou de morte profissional sobre o autor.** A inclusão ou omissão de uma letra ou vírgula no que sai impresso pode decidir se o autor vai ser entendido ou não, admirado ou ridicularizado, consagrado ou processado. Todo texto tem, na verdade, dois autores: quem o escreveu e quem o revisou. **Toda vez que manda um texto para ser publicado, o autor se coloca nas mãos do revisor, esperando que seu parceiro não falhe.** (VERÍSSIMO, 1995, s/p., Grifo do autor).

Verissimo, em sua crônica “Cuidado com os Revizores” (1995), fala da importância do revisor e da expectativa posta em cima deste, ilustrando bem a responsabilidade que o revisor tem sobre o texto. Nesse texto, Verissimo traz, ainda, exemplos de conflitos que a má revisão pode causar:

Existe um exemplo histórico do que a revisão desatenta – ou mal-intencionada – pode fazer. Uma das edições da Versão Autorizada da Bíblia publicada na Inglaterra por iniciativa do rei James I, no século XVII, ficou conhecida como a “Bíblia Má”, porque a injunção “Não cometerás adultério” saiu, por um erro de impressão, sem o “não”. Ninguém sabe se o volume de adultérios entre os cristãos de fala inglesa aumentou em decorrência dessa

inesperada sanção bíblica até descobrirem o erro, ou se o impressor e o revisor foram atirados numa fogueira juntos, mas o fato prova que nem a palavra de Deus está livre do poder dos revisores. (VERÍSSIMO, 1995, s/p.).

Para enfatizar a importância da intervenção do revisor em um texto, Veríssimo criou um episódio “histórico” em que nem mesmo a Bíblia, nem mesmo “a palavra de Deus”, se salvou da má revisão. Isso nos faz atentar para outro problema que pode acontecer no momento em que o revisor estiver lendo um texto pela primeira vez. Suponhamos que o revisor não saiba nada do texto, do seu contexto de produção, do estilo do autor, da história contada e menos ainda do objetivo do texto, pode acontecer de, por falta de compreensão, esse profissional mudar, tirar ou acrescentar uma palavra e assim alterar o sentido do texto. Portanto, o melhor que o revisor deve fazer quando se depara com uma palavra que parece não se encaixar bem no contexto ou parece não fazer muito sentido, é conversar com o autor para verificar se a palavra colocada ali foi ou não um erro.

Mas qual é o trabalho básico do revisor? Além de corrigir erros ortográficos, considerar o texto em sua globalidade. Pode acontecer de o autor falar que não precisa corrigir erros ortográficos, apenas a formatação, ainda assim, cabe ao revisor apurar qualquer erro gramatical. É um erro gravíssimo e prepotência por parte do autor achar que não precisa de um revisor. A seguir veremos um exemplo de um livro que foi publicado com muitos erros sintáticos. Não sabemos se ele passou ou não por um revisor, temos a impressão de que a obra não foi lida por mais ninguém além do autor antes de ser publicada. Por questão ética, não divulgaremos o nome da obra, nem do autor.

Quadro 1 – Exemplos retirados da 1ª obra

<p>A. 1 “Dia, após dia...” A. 2 “Alguns a chamavam de Mão direita, De Deus”. A.3. “[...] o povo de Destra, adorava e acreditava em um só Deus”. Pág. 7.</p> <p>A.1. Vírgula entre uma expressão que funcionaria como a expressão “dia a dia”, que é um adjunto adverbial.</p> <p>A.2. Nome do lugar separado por vírgula: “Mão direita, De Deus”.</p> <p>A. 3. Sujeito separado do predicado.</p>
<p>B. 1 “[...] O povo de destra não gostava de lutar, não porque tinham medo, ou porque não tinha poder suficiente para combater”. Pág. 8.</p> <p>B.1 Concordância verbal: a concordância verbal está equivocada em “tinham”, já que “povo” se conjuga no singular, o autor errou na primeira conjugação do verbo e acertou na segunda.</p>

<p>C. 1 “Amigos e parentes deles, também estavam dentre aqueles mortos”. C. 2 “Quando tudo parecia não ter mais sentido e motivo para viver [...]” C.3 “[...] Outros diziam que era uma fenda de outro mundo [...]” Pág. 9.</p> <p>C. 1 Sujeito separado do predicado. C. 2 “Tudo parecia não ter mais motivo para viver” é uma frase mal construída. C. 3 Palavra iniciada com letra maiúscula sem necessidade.</p>
<p>D. 1 “[...] extremamente incrível. Animais. Eram seres gigantes [...]” D. 2 “A beleza desses seres era maravilhosa” D. 3 “[...] por mais que a situação dissesse ao contrário[...]”. Pág. 10.</p> <p>D. 1 O autor poderia construir apenas um período explicando que apareceram animais incríveis que eram gigantes, sem necessidade de frases soltas. D. 2. Depois de “maravilhosa”, o autor termina o período sem ponto final e inicia outro parágrafo. D. 3. O certo seria “o contrário”, ao contrário é o mesmo que dizer “em oposição à”.</p>
<p>E. 1 “[...] como na época só existia, espadas, flechas, escudos...” E. 2. “E muitas das pessoas que ganhavam esses poderes, elas partiam para outros lugares e viviam lá”. Pág.12.</p> <p>E. 1. Sujeito separado do predicado e verbo conjugado no singular quando deveria ser no plural. E. 2. Vírgula e pronome desnecessários.</p>
<p>F. 1 “Essas mesmas pessoas que um dia defenderam e lutarão pelo reino de destra”. Pág.14.</p> <p>F.1. Tempo verbal trocado. O certo seria usar o verbo no pretérito perfeito simples, como o autor fez com o verbo “defender”. Além disso, o nome da cidade foi escrito com letra minúscula.</p>
<p>G. 1 “[...] e mais, era eu, matando os escolhidos para roubar seus poderes e se tornar o mais forte...” G.2. “uma grande batalha daria início entre, Rhiza, o restante dos escolhidos...” G.3 “Rhiza não conseguia acreditar em que seu amigo tão querido estava dizendo”. Pág. 15.</p> <p>G.1. Pronome oblíquo átono errado. O certo seria “[...] era eu, matando [...] para [...]me tornar o mais forte”. G.2. Vírgula empregada de forma errada. G.3. “[...] no que seu amigo tão querido estava dizendo”.</p>
<p>H. 1 “[...] Maior em quem está comigo, do que aquele que está no mundo...” H. 2 “Nessa ilha havia uma prisão gigantesca chamada hamartêma”. Pág. 16.</p> <p>H. 1. “Maior o que está em mim, do que aquele que está do mundo”. H.2 Nome da prisão escrito com letra minúscula.</p>
<p>I. 1 “_Olá, Thomas! O que você está fazendo aqui há essa hora?” Pág. 18.</p> <p>Troca de preposição “a” pelo verbo “há”.</p>
<p>J. 1 “Com um, barulho de maçaneta...” Pág 19; J.2. “[...] principalmente nós, humanos e não posso ficar de braços cruzados...” Pág. 21.</p> <p>J. 1 e J.2. Vírgulas empregadas de forma errada.</p>
<p>K. 1 “[...] você e nossa última esperança, Thomas”. K.2 “[...] Você e do segundo tipo[...]”. Pág. 21.</p> <p>K.1 E K.2 Ausência de acento, que transforma o verbo em conjunção.</p>
<p>L. 1 “Com a mão cochando a cabeça o guarda respondeu...” L.2 “Thomas balançou sua cabeça discordando do que o guarda tinha dito...” Pág. 24.</p>

<p>L. 1. Ortografia: coçando.</p> <p>L. 2. Ortografia: discordando.</p> <p>M. 1 “era como se tudo que ele estava vendo fosse um pedaço....”; M. 2 “[...] _ isso só pode ser obra de algum feiticeiro? Proclamou Thomas em voz alta”. Pág. 29.</p> <p>M. 1. O certo seria estivesse vendo, para concordar com “fosse”.</p> <p>M.2. Ponto de interrogação empregado no lugar de exclamação.</p>
<p>N. 1 “_Que estranho? Tenho a leve impressão que este ogro estava me procurando”. Pág. 30.</p> <p>N. 1 Ponto de interrogação usado no lugar do ponto de exclamação.</p>
<p>O. 1 “[...] parecia um leão com várias patas e cifres...” Pág. 32.</p> <p>O. 1. Orografia: chifres.</p>
<p>P. 1 “[...] que seria de muito útil no futuro...” P. 2. “Mas as suas qualidades não se encaixava no perfil de um rei, ao contrário de seu irmão que possuía todas elas”. Pág. 33.</p> <p>P. 1 Não há porque utilizar a preposição “de” nessa frase.</p> <p>P.2. Conjugação equivocada e período mal construído; seria mais bem escrito assim: “mas as suas características não se encaixavam no perfil de um rei, ao contrário de seu irmão, que possuía todas as características necessárias”.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Podemos perceber que há erros de várias categorias presentes nesse livro; é importante salientar que coletamos erros até a página 33, e todas as páginas, até onde paramos, apresentavam erros. Percebemos, então, a falta que um revisor faz. Não acreditamos que esse livro tenha passado por um revisor, pois há erros básicos, que não passariam despercebidos pelos olhos de um profissional. O autor certamente pensou que não precisava de alguém para avaliar o seu trabalho e resolveu publicar confiando no seu conhecimento gramatical. O livro é uma obra de ficção científica, e apresenta uma boa história, que, no entanto, é prejudicada pelos equívocos linguísticos, que dificultam a leitura.

3 ESPECIFICIDADES DO TEXTO LITERÁRIO

Revisar um texto literário é um trabalho delicado, uma vez que é preciso considerar aspectos específicos do gênero textual. O revisor terá um pouco mais de convicção sobre as alterações a fazer, se souber, por exemplo, que o texto em análise é uma obra de ficção científica. Sabendo disso, o revisor pode encarar com normalidade um excerto que talvez lhe causasse estranhamento caso desconhecesse o gênero em que o texto se inscreve.

Para Bakhtin (1995), é importante que o leitor consiga construir significação para o texto. O revisor, por ser um leitor especialista, deve ser capaz de construir essa significação para saber no que pode ou não mexer. O conhecimento de mundo (pragmático) é importante nesse caso; é preciso saber do que exatamente o autor está falando. Porém, não se trata somente de saber com que tipo de texto se está lidando; é necessário ter um conhecimento extratextual, ler e reler o texto quantas vezes forem necessárias para descobrir o estilo do autor, para perceber o que é ou não relevante, o que é ou não “erro” proposital, ver a intenção do autor, os recursos utilizados, e depois de tudo, partir para o trabalho.

Em textos literários, é comum o uso de expressões pouco frequentes, assim como o recurso a uma palavra inventada, ou a várias representações de dialeto, de variações linguísticas, por isso, é importante que o revisor tenha a sensibilidade de perceber tais aspectos, ou, no caso de incompreensão, recorrer ao escritor para não haver mal-entendidos.

É comum o autor relutar em aceitar alguma mudança, pois tendo seu próprio estilo ou os olhos “viciados” na leitura do texto original, não enxergará nada de errado; mesmo assim o revisor pode sugerir palavras sinônimas para evitar muitas repetições, ou formas substitutivas de expressões que possam ser mal vistas, ou compreender a licença poética utilizada pelo autor (trataremos disto em outra seção); tudo depende da fluência do texto, do público alvo, do que realmente o autor quer dizer, entre outras condições.

Dessa forma, o diálogo e o conhecimento de mundo são fatores muito importantes que podem ajudar o trabalho do revisor; dialogar com o autor do texto evita que o revisor mexa na criação estética de forma a alterar seu sentido.

Veríssimo (1995) destaca a existência de uma tentação “de qualquer maneira, vale para ilustrar a tentação que todo revisor deve sentir de deixar sua marca, como grafite, na criação alheia” (s/p). Assim, o revisor deve fazer apenas o seu trabalho, não tomando o papel da autoria; deve ter ciência de que foi contratado para aprimorar o texto, e ser um suporte para o autor. Cabe a esse profissional saber distinguir a intencionalidade de erros, deve procurar conversar mais com o autor, ou ler mais trabalhos escritos por ele, para que assim construa uma relação de proximidade e certo conhecimento sobre sua escrita, se isso não for possível, cabe o bom senso e o diálogo:

Distinguir a ambiguidade intencional da ambiguidade viciosa, por exemplo, identificar a criação de palavras, os neologismos, e verificar se o que está feito é consistente, o significado do uso informal da gramática pela criação sintática ou pela exploração de falares anteriormente não registrados pela escrita, serão avalizados pelo revisor desde que ele compreenda as possibilidades estéticas da língua. Essa compreensão advém, conforme já dissemos, em parte da experiência de leitura literária do revisor, mas também advém dos seus conhecimentos da teoria da literatura. (GUIMARÃES; PERPÉTUA, 2010, p. 201).

O bom revisor de textos literários, na maioria das vezes, saberá a intenção do autor se tiver se informado sobre todos os aspectos importantes envolvidos na produção do texto, e é claro, se tiver um bom conhecimento da teoria da literatura, pois, como foi dito anteriormente o revisor não precisa ter apenas um bom conhecimento gramatical.

4 ESTILO DO AUTOR E ESTILO DO REVISOR

Assim como o autor, o revisor também tem seu estilo, há revisores que preferem trabalhar somente com textos acadêmicos, que gostam de trabalhar com formatação, padronização, diagramação, *layouts*. Outros gostam de revisar textos publicitários, literários, roteiros, etc. Enquanto uns têm o olhar mais direcionado para a sintaxe, outros se direcionam mais para o estilo do texto, para a preparação, etc. Isso não quer dizer que o bom profissional não precise estar atento a todos os tipos de erros que podem ser encontrados em um texto, quer dizer que o profissional pode escolher com que tipo de texto trabalhar. Por isso é importante que o autor procure saber quais os tipos de serviço que o revisor solicitado poderá oferecer. Por exemplo, se o revisor apenasse concentra nos aspectos morfossintáticos, ou se ele também faz o serviço de formatação. Se um livro for publicado com a gramática impecável, mas com erros de coerência, a culpa é do revisor? Em muitos casos pode ser que sim, mas é necessário analisar o tipo de trabalho que foi combinado com o autor do texto e se não houve alteração por parte do autor depois de o texto ter sido entregue.

Ao falar sobre o estilo do revisor, colocamos em pauta o tipo de trabalho que ele realiza assim como suas preferências. Para que o trabalho saia de acordo com o esperado, é necessário que haja um acordo. Se o autor não pergunta sobre o tipo de trabalho que será realizado, não poderá reclamar daquilo que não foi feito. Também é necessário atentar-se para aquele tipo de revisor que gosta de ser coautor do texto, ou

seja, fazer alterações que comprometam o estilo de escrita do autor. Assim como o autor deve respeitar o trabalho do revisor, este também deve esse respeito ao autor.

Respeitar o estilo do autor não quer dizer isentar o texto literário de alterações. O autor tem a sua linguagem, sua visão de mundo, seu estilo, mas o revisor tem os olhos apurados e pode revisar aquilo que a seu ver daria melhor fluência ao texto, se o estilo do revisor for prestar atenção nos mínimos detalhes, e é importante que saiba fazer isso sem tirar a autenticidade de quem escreveu, pois, a estética do texto deve ser mantida, afinal, o texto é uma obra de arte, que assim como qualquer outra carrega uma parte de seu criador:

A fase de preparação de originais constitui uma das mais delicadas da editoração, exatamente porque se situa num território pouco objetivo, entre o bom senso do revisor e o estilo do autor. A interferência do preparador no texto alheio inclui desde a revisão ortográfica até a argumentação, com o autor, sobre a necessidade de mudanças estruturais no texto, em função de eliminar incongruências ou exageros. A tarefa do revisor, portanto, além de incluir o cuidado para não ferir a susceptibilidade de quem escreve, consiste em saber delinear a frágil fronteira entre o estilo e a inadequação lingüística. Há que vagar, então, pelo nebuloso caminho da subjetividade, sem perder de vista o objetivo do trabalho. (PERPÉTUA, 2008 apud GUIMARÃES; PERPÉTUA, 2010, p. 196).

Guimarães e Perpétua (2010) falam do revisor que também faz a preparação do texto, mas não é só nesse caso que ele deve ter bom senso e um olhar cuidadoso sobre o texto alheio; em todos os casos de revisão, o profissional deve ser cauteloso ao fazer alguma alteração, por isso estamos sempre salientando a importância da interação com o autor. O revisor deve ser capaz de reconhecer o estilo do texto e o estilo de linguagem que caberia ali; havendo inadequação de linguagem, o revisor deve contatar o autor para saber se há alguma intenção com aquilo, ou se ele poderá fazer alguma intervenção com relação àquele problema. Guimarães e Perpétua também citam alguns cuidados que o revisor deve tomar para que evite ferir o estilo do autor; para sistematizar como se dá a seleção vocabular do texto em revisão, o revisor vai:

i) dirigir sua atenção, por exemplo, ainda de acordo com Proença Filho, ao material fônico utilizado pelo escritor; ii) tentar perceber as escolhas das palavras de acordo com sua carga afetiva; iii) perceber se o escritor aproxima suas escolhas dos valores socialmente convencionais ou se os subverte. (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2010, p. 200).

Há casos em que o autor escolhe utilizar um léxico não muito convencional para dar significação ao seu texto. A escolha de palavras, às vezes, pode até chocar, mas cabe ao revisor perceber a intenção do texto, seu público-alvo, o local de publicação; tudo isso ajuda na interpretação do texto. Se mesmo sabendo de tudo isso, o revisor ainda achar que é necessário fazer alguma alteração, ele deve conversar com o autor. Como exemplo, tomemos um caso em que o revisor desrespeitava o estilo do autor, fazendo alterações que não eram bem vistas.

John Martin, editor de Bukowski, fazia intervenções no texto do autor que gerava uma tensão entre eles. Bukowski foi um escritor estadunidense, que fez sucesso na década de 70. Os livros do autor têm um caráter obsceno, peculiar; ele não se enquadrava em nenhuma escola literária, sua obra apresenta uma linguagem coloquial, com muitos palavrões e descrições bastante detalhadas de cenas que podem causar certo espanto. Martin, antes de decidir publicar algum livro de Bukowski, fazia uma leitura crítica e revisava o trabalho. Martin sabia do estilo de escrita de Bukowski e mesmo assim fazia alterações em suas obras.

Essa tensão entre ambos se torna conhecida no livro **Escrever para não enlouquecer**. Esse livro é uma obra que reúne cartas de Bukowski, e entre elas estão várias correspondências mandadas a Martin, pelo escritor. Logo no início do livro, há uma nota do editor em que ele diz respeitar veementemente o estilo de Bukowski e expõe todas as alterações que foram feitas ao texto original, justificando-as. Aqui, podemos ver um exemplo de respeito e consideração para com o autor.

Para preservar ainda mais o peculiar feitio das cartas de Bukowski, as alterações editoriais foram reduzidas ao mínimo, embora o autor fosse bastante preciso na pontuação, sua grafia – na melhor das hipóteses – era excêntrica, fato admitido por ele. Nesta coletânea, erros datilográficos involuntários foram corrigidos discretamente, ao passo que os erros deliberados foram mantidos, numa tentativa de preservar sua voz na maior medida possível. Da mesma forma, foram omitidas as saudações e os encerramentos, em grande parte similares. Bukowski foi um correspondente prolífico, e suas cartas costumavam ser longas, discutindo tópicos sem relação com a arte da escrita. Omissões editoriais, então, são representadas por [...]. Notas editoriais no texto também aparecem entre colchetes. Bukowski usava MAIÚSCULAS para indicar ênfase; elas foram substituídas por itálico nos títulos de livros e por aspas nos títulos de poemas e contos. Datas e títulos foram padronizados também. Afora essas poucas alterações editoriais, as cartas aparecem aqui como Bukowski as escreveu. (DEBRITO, 2016, p. 08).

Em se tratando de cartas pessoais e não textos literários para serem publicados, nem caberia de fato uma revisão, por isso, é importante essa nota do editor para esclarecer que foi revisado para fins de publicação e para facilitar o entendimento do público, assim como para deixar o texto mais limpo.

Em alguns casos, a editora deixou a voz do autor sobressair-se à gramática, tudo pelo respeito ao autor e à estética do texto. Veremos, porém, no quadro a seguir alguns exemplos de Bukowski reclamando do trabalho do seu editor.

Quadro 2 – Exemplos retirados da 2ª obra

<p>“Em papel rosa com cabeçalho da <i>Outcast</i>, no último número da <i>Outcast</i> eles editaram meu poema com 3 ou talvez 2 palavras em grafia errada, não por erro meu mas com “e’s” onde deveriam estar “o’s” e assim por diante. os outros poemas estavam (de outras pessoas) grafados corretamente. (BUKOWSKI, 1966, p. 107).</p>
<p>“3º linha: ‘e não pagavam-me’. Parece um pouco afetado. “e não me pagavam” parece menos afetado. de todo modo, tanto faz. cada vez que eu olho para o romance ele me passa uma impressão melhor. acho que consegui me sair bem com o que eu pretendia-isto é, não pregar, mas registrar.” (BUKOWSKI, 1970, p. 135).</p>
<p>“[...] ele diz que é um bom romance, exceto que meus tempos verbais estão todos atrapalhados e tenho participios pendentes, tudo isso. Ele afirma que precisa endireitar a gramática e aí encaminhar algumas transcrições. não concordo com isso. acho que o texto devia ser lido exatamente como escrito”. (BUKOWSKI, 1970, p. 135).</p>
<p>“Ah, não, não, você não entende. Não quero mudar o seu estilo nem nada. Quero que você apareça exatamente como você é. Mas eu lhe garanto que os alemães nunca...” (BUKOWSKI, 1970, p. 139).</p> <p>“As irmãs precisam se dar conta de que limitações a certas formas de escrita vão acabar levando ao controle e à limitação de todas as formas de escrita exceto as escolhidas por certo órgão sancionado. Ao escritor deve ser permitido tocar tudo”. (BUKOWSKI, 1970, p. 139).</p>
<p>“Espero que você não tenha começado a traduzir <i>Mulheres</i> ainda. John Martin e eu estamos em cima dele – eu alego que John inseriu demais a escrita <i>dele</i> no romance. Algumas páginas inclusas para ilustrar. Mandei xerocar o texto original e logo vou poder envia-lo para você. John alega que eu mandei mais de 100 páginas de alterações ao original. Quando recebê-las dele, eu as encaminho para você. Eu realmente sinto que ele mudou meu palavreado demais, às vezes frase sim, frase não. Isso é um desrespeito comigo. Não me importo com pequenas alterações gramaticais e uma endireitada em pretérito e presente, mas, quando frases demais são atacadas, isso perturba o fluxo natural da minha escrita. Minha escrita é denteada e áspera, quero que <i>permaneça</i> assim, não quero que seja <i>alisada</i>. Além disso, grandes trechos do romance foram eliminados. Quando receber o manuscrito inteiro você terá condições de escolher o que deseja deixar ou tirar. Desse jeito a sua escolha fica estreitada; quer dizer, do jeito como se lê o romance agora”. (BUKOWSKI, 1979, p. 174).</p>

“[...] É um bom romance agora mas sinto que teria sido um romance fantástico e bárbaro sem a má escrita inserida e as outras partes deixadas de fora. Em vez dos séculos ganhando algo fantástico, eles estão ganhando apenas esta versão ordenhada e pisoteada”. (BUKOWSKI, 1979, p. 179).

“[...] quanto a *Mulheres*, as 100 páginas de correções estão perdidas em algum lugar. Uma parte evidentemente acabou entrando... por exemplo no fim eu dei ao gato pelo preto e olhos amarelos... De qualquer maneira, é uma bagunça total e acho que John Martin meio que simplesmente pirou. Creio que foi uma coisa bem vergonhosa de se fazer – forçar a “escrita” dele, eu quero dizer. Acho que todos nós piramos de vez em quando. De qualquer maneira, na segunda impressão o texto vai estar melhor. Acho que, quando as pessoas compararem as 2 edições, elas nunca vão saber a história verdadeira. Elas vão tender mais a pensar que eu fiquei desmiolado de senilidade e que outra pessoa foi lá e fez as alterações por mim. É bem difícil de assimilar porque não me importo de ser criticado por minha própria escrita, mas ser atacado por algo de outra pessoa não é tão bom assim. De qualquer maneira, vou precisar ficar mais atento em cima de John nas minhas futuras obras [...]”. (BUKOWSKI, 1979, p. 177).

“[...] Eu gostaria que você fosse o meu maldito editor, mas graças aos deuses pelo menos tenho você como meu tradutor, agente e amigo. (ah, sim, e John efetivamente disse: ‘Às vezes o datilógrafo fica entediado e acaba introduzindo algo’. Será que Faulkner e J. Joyce eram incomodados com isso?’). (BUKOWSKI, 1979, p. 177).

“[...] Você ganhou a vida com isso, e na maioria publicou o que quis, talvez não tanto no início, quando você tendia a ouvir mais as vozes “literárias” que queriam apontá-lo na direção do “prestígio”, mas cada vez mais você se tornou o apostador, aquele que aposta mas mesmo assim tende a ganhar – por estilo e conhecimento, instinto. O que vende não é necessariamente bom e o que não vende pode ser realmente ruim, em vez de uma forma-artística incompreendida”. (BUKOWSKI, 1985, p. 215).

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Bukowski, em uma de suas reclamações, observa que somente seus poemas saíram com erro, e demonstra certa irritação com isso. Ao reclamar, ele diz que o poema saiu com a grafia errada, ou seja, foi uma reclamação sobre a interferência e má revisão. Por outro lado, Bukowski também reclama quando é orientado a revisar sua gramática, dizendo que o texto devia ser lido exatamente como escrito, ou seja, ele estaria satisfeito se seu editor apenas publicasse o texto e não fizesse revisões. O autor deve aceitar que, para o texto ser publicado, é necessário fazer algumas correções, como foi dito na primeira seção, não pode achar que é tudo uma ofensa ou falta de respeito, há casos em que realmente é necessária uma intervenção, para, como já dissemos, o texto fluir melhor.

Em “Ah, não, não, você não entende. Não quero mudar o seu estilo nem nada. Quero que você apareça exatamente como você é. Mas eu lhe garanto que os alemães nunca...” (BUKOWSKI, 1970, p. 137). É uma resposta de John Martin para Bukowski

quando o autor o ironiza, dizendo que talvez devesse nomear John como coautor de **Cartas na Rua**, claramente fazendo referência às suas intervenções. Bukowski é um exemplo claro de um autor que vê as correções como uma forma de limitar a sua voz e se mostra muito incomodado com isso, visto que ele tem uma linguagem própria e apresenta uma expressividade inigualável em suas obras, qualquer alteração desnecessária poderia levar a uma mudança de sentido não desejada. O autor é categórico quanto à sua escrita e reclama que seu editor inseriu a escrita *dele* em um de seus livros, dizendo que não se importaria com uma pequena revisão gramatical, mas que frases demais foram alteradas, e se defende dizendo que a escrita dele é áspera e que ele quer que chegue aos leitores assim, afinal, esse é o seu estilo.

Por isso quando dizemos que é necessário o revisor respeitar o estilo do autor, estamos falando de limites; como revisores, não podemos sair deixando nossas marcas autorais em textos alheios. Isso pode causar frustração para o autor ao ver seu texto publicado totalmente alterado e fora da forma que foi pensado. Ele chega a pensar (isso podemos deduzir em suas cartas) que o editor está implicando com a sua obra e se compara com outros grandes escritores: “Será que Faulkner e J. Joyce eram incomodados com isso? [...]” (BUKOWSKI, 1970, p. 137).

Bukowski ficava realmente em fúria quando o erro gramatical era cometido pela revista,

“Não só isso – Bukowski podia ser meticuloso em relação à gramática. No dilema de “leave us be fair” versus “let us be fair” da carta de 2 de abril de 1959 para Anthony Linick, Bukowski desferiu um cômico golpe contra as regras gramaticais. Além disso, quando editores de revistas literárias publicavam seus poemas com eventuais erros tipográficos, ele virava um velho raivoso cuspidor de injúrias para todos os lados. Para um autor prolífico que quase não tinha tempo para revisões, Bukowski podia ser enjoado – e com razão – em relação a tais erros, que eram comuns nas pequenas revistas mimeografadas que publicavam seu trabalho em tempo recorde”. (DEBRITO, 2016, p. 248).

O autor, como podemos ver, não seguia muito as regras gramaticais. É possível perceber que, em várias partes dos textos, ele não inicia o período seguinte, depois do ponto final, com letra maiúscula. Esse traço é recorrente em vários livros de Bukowski, talvez ele tivesse conhecimento da regra e esse traço fizesse parte de seu estilo. Não sabemos, o fato é que isso não foi alterado nessas cartas e também não o foi em outros livros publicados.

Esse exemplo, da relação entre Bukowski e John Martin mostra que o revisor, tendo seu estilo, deve também, conhecer os seus limites, e que o autor, mesmo tendo o seu estilo, deve aceitar aquelas alterações que são realmente necessárias para que o texto flua melhor e não apresente problemas gramaticais, de concordância, de coerência etc.

5 AUTORIA E LICENÇA POÉTICA

Todo texto precisa de um olhar sensível e atento às suas particularidades, mas o texto literário exige ainda mais do revisor, exige além de um bom conhecimento da língua portuguesa, um bom conhecimento extratextual. Muitas vezes, o revisor pode se deparar com um texto já conhecido dentro do texto que ele pegou para revisar, nesse caso, o revisor deve procurar saber se foi um plágio ou se é a utilização de um recurso chamado “licença poética”, que se trata de “pegar emprestado” texto de outros autores e, pode ser, também, ser a liberdade que o escritor tem de usar construções que seriam classificadas como agramaticais fora do campo da literatura. O poeta, o escritor de textos literários e o publicitário podem fazer uso desse recurso pelo bem da significação da obra. São exemplos de uso da licença poética, desvios da norma padrão, palavras de baixo calão, erros de concordância, neologismos, etc.

Há casos em que é fácil, para o revisor, reconhecer a aplicação do recurso, há outros em que ele pode não reconhecer, fazer a alteração e ser repreendido pelo escritor, por isso, é recomendável sempre conversar e analisar se realmente aquele recurso cabe naquela construção, naquele contexto. O mais importante é que o projeto estético do autor seja respeitado:

Procurando analisar a complexidade da obra literária, a fim de que ela se manifeste e se torne uma evidência, ou, em outras palavras, a fim de que ela exista para o leitor na plenitude de obra de arte e de objeto estético, nossa atividade aproxima-se, pois, do estruturalismo; o que aqui se propõe é colocar em relevo as funções dos diversos elementos da obra literária, não apenas considerando-os em si mesmos, mas, sobretudo, na reciprocidade das suas relações. (RAMOS, 1969, p. 10-11).

Na obra **Fenomenologia da obra Literária**, Maria Luiza Ramos discute todos os elementos da obra literária, para traçar um sentido com base em todos os seus elementos intrínsecos, evidenciando tudo o que há no texto e o seu processo de produção. Portanto, vemos como é importante analisar toda a estrutura da obra literária

e não apenas o produto pronto, pois sabemos que há diversos elementos na obra literária e é preciso considerar toda a relação do texto. Assim, ficará bem mais fácil para o revisor reconhecer o que é ou não uma estratégia literária. Analisar esses aspectos nos levará a um dos caminhos principais para entender um texto: a estilística. De todos os recursos que podem ser usados na produção de um texto literário, a estilística talvez seja um dos mais importantes, pois é aquilo que permite reconhecer o estilo do autor e suas estratégias. Um traço estilístico consiste numa intenção estética, expressiva que justifica o desvio da norma padrão. A estilística pode estar em uma figura de linguagem, em um desvio gramatical, desvio de forma, *etc.*

[...] Se, entretanto, se pode falar de interação no que respeita ao objeto e à experiência estética, o mesmo não se dá quanto à relação entre o objetivo estético e a obra de arte, pois esta pode ter a sua qualidade estética negligenciada por um expectador distraído ou inapto a reconhecê-la, do mesmo modo que pode ser vítima de uma deformação pela análise técnica a que a submete o crítico especializado. A obra de arte é a razão de ser do objeto estético, mas só alcança a sua finalidade quando é *percebida* como obra de arte, ou melhor, como objeto estético. (RAMOS, 1969, p. 29).

Uma obra de arte torna-se um objeto artístico somente depois de ser reconhecida como tal pelo público, mas, apesar disso, e mesmo por isso, sua essência, sua estética, deve ser respeitada. E para aprender a essência do texto artístico, é preciso considerar todos os aspectos presentes e toda a sua produção. Por isso, no caso dos textos literários, deve-se tomar cuidado para não tirar do texto a legitimidade de um objeto estético e, portanto, um objeto que porta características de quem o produziu. Em caso de tradução de uma obra literária para outra língua, algumas interferências podem acontecer de forma mais aparente, mas isso ocorre, também, para o bem da significação pretendida, vejamos:

Kurt Meyer Clason, analisando os múltiplos problemas que oferece a tradução de uma obra literária- particularmente a obra de Guimarães Rosa, de que foi o tradutor para o alemão – exemplificou a questão com uma passagem de *Grande Sertão: Veredas* em que o romancista dizia que os cavaleiros passavam “*feito faca, feito flexa, feito fogo*”. A tradução literal destruiria a imagem acústica presente na frase pois desaparecia a aliteração da fricativa que, seis vezes repetida, traz conotação de velocidade. Preferiu então o tradutor substituir as palavras do original, de modo a *criar* nova imagem acústica dentro do mesmo campo semântico estabelecido pelo romancista. E a frase transformou-se em “*wie die Welle, wie der Wind, wie der Wille*”, ou seja, “como a vaga, como o vento, como a vontade. (RAMOS, 1969, p. 86).

Se o tradutor tivesse traduzido ao pé da letra, o texto não faria sentido nenhum e tiraria a forma estética pretendida pelo autor, dessa forma, a autoria não foi prejudicada e foi mantida a essência do objeto.

A estilística, a licença poética e o estilo fazem parte da liberdade individual do autor: ele pode fazer uso de diferentes recursos pela necessidade de significar. Tais recursos abrem um leque de possibilidades de significações. É comum ver, em poemas, a repetição de palavras; o autor faz isso para manter o ritmo do poema, e geralmente, a palavra que se repete tem alta expressividade e é ela que dá sentido ao poema, por isso o revisor deve ter a sensibilidade de não trocar a palavra por um sinônimo. Os autores podem colocar frases ou palavras que a primeira vista podem não fazer muito sentido:

Por vezes as palavras não fazem muito sentido, ou não estão conforme o uso corrente, mas geram um ritmo e se justificam dessa forma, no discurso. Veja-se o caso de pão ou pães, questão de opiniões (pág.10), ou “Bela é a lua, lualã, que torna a se sair das nuvens, mais redonda recortada” (pág. 74); ainda: “A papeagem no buritizal, que lequelequeia” (pág. 48), mais: “buriti-verde que afina e esveste, belimbeza” (pág. 42)”. (RAMOS, 1969, p. 223).

É claro que para percebermos a intencionalidade é necessário analisar o contexto. Uma palavra isolada, muitas vezes não tem significação, mas, ao analisar o contexto, é possível perceber o objetivo daquela construção. O mesmo vale para a invenção de palavras ou a inclusão de prefixos ou sufixos.

É esse fator de fundamental importância na caracterização da linguagem poética, pois, no caso de ser heterogêneo, quanto mais irradiado se mostrar, maiores possibilidades oferecerá à experiência estética. Lidando com fatores que implicam *direção intencional* potencial e variável, o poeta encontra recursos para transformar um simples nome em uma frase completa, atualizando-o neste ou naquele sentido dentro do contexto. (RAMOS, 1969, p. 90).

A preferência do autor por uma construção frasal se relaciona à sua liberdade para escrever da forma que lhe parecer melhor, e o revisor, se não houver necessidade, não deve interferir nisso. Então, é essencial respeitar a decisão do autor por determinada construção, pois, ele está convencido de que aquela escolha resultará no sentido pretendido. O autor também pode evidenciar seus próprios valores no processo de construção do texto. Se for o caso, o revisor pode não concordar com tal visão, porém deve manter o profissionalismo: se encontrar algo que possa levar a uma interpretação

errada, o ideal é sugerir uma mudança de texto, de forma a não alterar o significado e não correr o risco de mexer no texto levando em consideração a sua ideologia.

Em se tratando de autoria, Guimarães Rosa é um ótimo exemplo, pois sua escrita é excêntrica e original, é, também, muitas vezes considerada de difícil leitura e cheia de neologismos:

Neste campo o material de estudo é vastíssimo porque GUIMARÃES ROSA metamorfoseou de tal maneira a língua portuguesa que, muitas pessoas – presas a preconceitos- se recusam a ler o romance, sob a alegação de que o autor inventou uma língua nova. Mas é claro que o escritor não inventou uma língua nova – ou não estaríamos aqui para falar-lhes do que nos seria desconhecido. O que houve foi a estilização da nossa língua, uma recriação, uma dinamização da linguagem, de maneira a poder cumprir a sua finalidade poética. (RAMOS, 1969, p. 225).

Tendo em vista a complexidade desse assunto, e as dificuldades que o revisor tem para conciliar revisão, autoria e licença poética, entrevistamos três professores do departamento de Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, que também são revisores:

Quadro 3 – Entrevista com Professores Revisores

Perguntas	Raquel Guimarães	Terezinha Taborda	Sérgio Oliveira	Ivete Walty
1- Até que ponto o revisor pode interferir num texto sem comprometer a autoria, isto é, sem se tornar coautor?	O principal compromisso do revisor é com o aperfeiçoamento estético do texto literário e, no caso de textos não literários, cabe ao revisor torná-los mais claros e consistentes. Desse modo, o que penso é que o revisor precisa aderir à proposta oferecida pelo escritor e respeitá-la em sua inteireza, compreender o estilo do escritor para	Acho que a interferência do revisor é uma questão muito delicada. É fundamental que o revisor respeite a proposta estética do autor, pois ela vai determinar o tipo de escrita que o texto apresentará. Há escritores que, inclusive, pedem que as editoras não façam nenhuma alteração em seus textos, exatamente	Revisor é um leitor crítico, jamais coautor. As intervenções a serem feitas são sugeridas e discutidas com o autor, a quem cabe a decisão de aceitar ou não as sugestões. Salvo em casos puramente materiais, como sintaxe, morfologia, pontuação, ortografia ou outros dessa ordem.	Todo texto é uma cena enunciativa em que alguém "fala" para alguém, no tempo e no espaço. Há, pois, pessoas envolvidas, seus objetivos e suas estratégias para atingi-los. Em vista disso, o revisor deve estudar a proposta do

	<p>colaborar com o aperfeiçoamento da escrita do texto. Caso verifique a necessidade de alguma alteração linguística, indicá-la, mas não alterar frases inteiras sem necessidade, apenas porque pensa que "daquele jeito ficaria melhor". A revisão de um texto não significa reescrevê-lo em outro estilo, ao contrário, significa aperfeiçoar o estilo daquele que escreve. A partir desta concepção defendo que o revisor não tenha uma atitude intervencionista, mas sim preservacionista. Cabe ao revisor alterar ou sugerir alterações naquilo que é absolutamente necessário.</p>	<p>em função de sua escrita respeitar uma proposta estética. Se, porém, o escritor se abrir para a revisão, o revisor deve atuar diretamente com ele, dialogando sobre as modificações a serem processadas, verificando se ele concorda com as modificações ou se ele mesmo propõe alternativas para os casos mais complicados com os quais o revisor se deparar. De qualquer forma, acho fundamental que os limites entre revisão e autoria não sejam ultrapassados.</p>		<p>texto antes de fazer maiores interferências. Intearar-se dos termos específicos da área em que se insere o texto para não cometer inconsistências ou incoerências. Exemplo: há alguns anos um revisor retirou de um texto nosso as palavras enunciador e enunciatário porque não as encontrou nos dicionários. Se houver necessidade, o revisor pode consultar o autor em casos mais complexos.</p>
<p>2- Para você, quais são as maiores dificuldades encontradas ao revisar um texto literário?</p>	<p>A revisão do texto literário esbarra na percepção do estilo do escritor e na adesão a ele. O revisor, ao se deparar com textos que exigem novas formas de diagramação ou</p>	<p>Equilibrar a proposta estética do autor e a adequação necessária do uso da língua escrita à situação de comunicação proposta por um livro. Se o texto</p>	<p>A dificuldade é entender que um texto literário não é um texto acadêmico. É preciso que as sugestões não empobrecam ou engessem o texto. Os parâmetros para</p>	<p>Isso depende do revisor. Trata-se da mesma situação descrita anteriormente acrescida das especificidades</p>

	<p>que praticam formas de escrita não convencionais deve preservar e defender o processo de criação do escritor. Caso considere algo pouco consistente, ou pouco claro para os leitores futuros da obra, o revisor deve procurar dialogar com o escritor, não simplesmente "corrigi-la" como se houvesse um certo e um errado na arte. Talvez a maior dificuldade seja a prática da revisão de textos em verso. O revisor precisa conhecer a escrita do verso, ser leitor de poesia. Para aperfeiçoar esteticamente o texto literário em verso o revisor poderá dirigir seu olhar aos elementos fundamentais do poema: a sonoridade, o ritmo, o metro, o verso. Ao perceber a possibilidade de colaborar com escritor, deve apresentar uma sugestão e conversar</p>	<p>literário apresentar projeto gráfico fora do padrão normal de edição, essa dificuldade aumenta, pois o texto tem que dialogar, também, com o projeto gráfico.</p>	<p>revisão de um texto literário são outros, não podendo perder de vista a criatividade do escritor, a estética, a poesia que perpassa um texto literário.</p>	<p>do texto poético. Tenho também o exemplo de uma revisora que virgoulou um poema que havia transcrito como epígrafe em um livro meu. Nesse caso, esse revisor alterou a proposta do poema e interferiu na relação proposta por mim entre a epígrafe e minha reflexão.</p>
--	---	--	--	---

	com ele. Caso não tenha sugestão, será delicado apenas apontar o que considerou que poderia ser alterado.			
3- Para você, como o revisor enxerga a licença poética num texto literário?	No caso dos textos literários, a licença poética, em suas diversas possibilidades é positiva. O revisor, como já disse antes, pode conduzir seu trabalho de modo a colaborar para que as potencialidades dos recursos utilizados pelo escritor sejam percebidas pelos leitores da obra.	Ele não pode interferir na decisão do autor de usar licença poética. Se encontrar um uso de licença poética ele pode consultar o autor sobre a marcação desse recurso de escrita por meio de alguma estratégia pensada entre eles para esse fim. Mas se o autor não quiser informar no livro que se trata de licença poética, ele não poderá fazer nada. Além disso, é preciso lembrar que a licença poética tem dois sentidos, pelo menos: o do uso "indevido" da língua escrita, mas também o da referência a outros textos de outros autores. No segundo caso, mesmo que o revisor informe à editora sobre a licença poética - e o	Licença é licença, isto é, são peculiaridades presentes no texto literário que se justificam por razões estéticas, principalmente. Não se pode entender que licença poética é poder escrever de qualquer jeito, cometer erros e atribuir a eles licença poética. A licença poética traz em si um valor que contribui para o texto.	São quase as mesmas dificuldades da tradução literária: não se pode pensar do ponto de vista literal. Há que se desenhar a cena enunciativa em foco com seus sujeitos, tempos e espaços.

		<p>fará, pois a editora intermedeia sua relação com o escritor -, esta vai decidir ou não pela publicação ouvindo o autor. Também é necessário lembrar duas coisas: primeiro, obras de artistas que já faleceram há mais de 70 anos caem em domínio público; segundo, a escrita, quando recupera uma obra de outro autor como licença poética, pode estar homenageando e abrindo o leque de interpretações das obras. Nesse caso, o revisor deve tratar com cuidado a licença poética, pois ela não pode ser confundida com plágio.</p>		
<p>4- Como revisor, que estratégia você utiliza(ria) para diferenciar uma licença poética de um erro gramatical?</p>	<p>O aspecto principal, neste caso, é verificar o contexto em que a chamada licença poética foi usada, isso é o que a distingue de um erro gramatical. Um desvio de concordância na voz de um personagem tem um efeito, na voz</p>	<p>Nunca me deparei com uma situação assim. Mas acho que a melhor saída é conversar com o autor para compreender sua proposta estética.</p>	<p>Creio que disse na questão anterior. É preciso perceber o valor que aquela construção tem naquele texto e naquele contexto. De tal forma que, sendo substituída a construção, perde-se no efeito pretendido</p>	<p>Veja o caso citados das vírgulas: com o não uso das vírgulas entre termos de uma enumeração, o autor valeu-se de uma estratégia textual para</p>

	<p>de um narrador, tem outro. Será preciso compreender quem é o personagem e quem é o narrador, o que é adequado para a construção da voz narrativa e da fala do personagem, só assim o revisor poderá colaborar para dar consistência à construção das vozes ficcionais de uma narrativa, por exemplo.</p>		<p>pelo autor.</p>	<p>possibilitar uma produção de sentido ligado a caos, à desordem. Segue o exemplo: <i>Somos um planeta cego à deriva do cosmo, a nave de nosso coração não aterrissa onde pulsa o frêmito da ternura. Somos um sistema feito pra isolar isolar isolar tudo quanto for da órbita de sonho isolar tudo quanto for galáxia de esperança.</i> <i>(Caio Junqueira Maciel)</i></p> <p>Ao colocar vírgulas entre os verbos "isolar", por exemplo, invadiu-se a proposta textual de</p>
--	---	--	--------------------	--

				quebrar a ideia de isolamento, de separação, que indica uma outra forma de ver o mundo.
5- Você já fez alguma correção que foi mal vista pelo autor? Comente.	Isso nunca me ocorreu.	Não.	Não. Mas vivi uma situação constrangedora. Fiz a revisão de uma dissertação e, depois de entregue, o autor resolveu mexer, trocar, acrescentar coisas, ou seja, bagunçou o texto. Entregou para a banca que, logicamente, criticou o trabalho, perguntando se não havia sido feita a revisão. Ele mexeu no texto e, para se defender, quis pôr a culpa em mim. Agendei com a orientadora do aluno e confrontamos o texto que ele foi entregue com o que eu lhe enviara revisado.	Como se viu, tenho antes algumas experiências de autor que não aceitou as revisões.

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores entrevistados concordam que o revisor deve sugerir e cabe ao autor aceitar ou não as sugestões, exceto nos casos em que há problemas de ordem

gramatical. Os padrões para a revisão de um texto literário são diferentes, é preciso sempre estar atento para não deslegitimar o autor. Deve-se alterar somente o que for necessário, para não correr o risco de adotar uma postura intervencionista, como dito pela professora Raquel Guimarães. O revisor de textos literários eventualmente irá encontrar formas não convencionais de escrita, se o profissional achar melhor mudar aquela construção, é melhor que ele tenha uma sugestão, e não apenas aponte que aquilo deve ser mudado. A professora Terezinha Taborda aponta como a maior dificuldade o desafio de equilibrar a proposta estética do autor com ao uso da língua escrita naquela situação. A professora Ivete Walty resume bem o que queremos dizer quando afirma que o revisor deve estudar a proposta do texto antes de fazer qualquer alteração. A professora ainda deu um exemplo de um poema de Caio Junqueira Maciel, que foi utilizado em um livro seu, como epigrafe, e que foi virgulado pela editora, alterando assim o sentido do texto.

Ao entrevistar esses professores, percebemos os riscos de o revisor alterar algo no texto e ser mal visto pelo autor, e os riscos de o autor mexer no texto depois do texto ter sido entregue pelo revisor, por isso, estamos sempre salientando a importância do diálogo. Todas as respostas dos professores entrevistados vão ao encontro do que dissemos neste artigo, e percebemos que a base de um bom trabalho é o respeito entre ambas as partes e que todas as figuras e aspectos presentes na construção de um texto são importantes para a conclusão de um trabalho satisfatório.

REFERÊNCIAS

- BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BUKOWSKI, Charles. **Escrever para não enlouquecer**. Tradução Rodrigo Breuning1. Ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.
- DEBRITO, Abel. **Escrever para não enlouquecer**. Ed Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.
- MACHADO, Carolina. **Manual de sobrevivência do revisor iniciante**. Revisão para quê? São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://revisaoparaque.com/blog/wp-content/uploads/2016/05/manual-de-sobreviv%C3%Aancia-do-revisor-iniciante-cap%C3%ADtulo-1.pdf>>. Acesso em: 25 maio. 2018.
- PERPÉTUA, Elzira Divina; GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. A revisão do texto literário: um trabalho de memória. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 195-204, 1º sem. 2010.

RAMOS, M, L. **Fenomenologia da Obra Literária**. Forense Universitária: Rio de Janeiro. 3ª ed. 1969.

RIBEIRO, A, E. **Revisão de textos e “diálogo” com o autor**: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudo Interdisciplinares da Comunicação, XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009.

VERÍSSIMO, L, F. **Cuidado com os revizores**. VIP Exame, p. 36-37, mar. 1995.
Disponível em: <[https://revisaoparaque.com /blog/a-importancia-da-revisao-textual/](https://revisaoparaque.com/blog/a-importancia-da-revisao-textual/)>.
Acesso em: 20 maio 2018.